revista DEBATES
https://doi.org/10.22456/1982-5269.140688

ARTIGOS LIVRES

EVANGELISMO NÃO-BOLSONARISTA: ANÁLISE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ELEITORES EVANGÉLICOS QUE REJEITARAM BOLSONARO NAS ELEIÇÕES DE 2022

NON-BOLSONARIST EVANGELISM: ANALYSIS OF THE SOCIOECONOMIC PROFILE OF EVANGELICAL VOTERS WHO REJECTED BOLSONARO IN THE 2022 ELECTIONS

Emerson Urizzi Cervi*

Naiara Sandi de Almeida Alcantara**

** Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciência Política, Curitiba/PR, Brasil.*
E-mail: ecervi7@gmail.com

*** Universidade Federal do Pará, Departamento de Ciência Política, Belém/PA, Brasil.*
E-mail: nayarasandy@ufpa.br

RESUMO

No Brasil, o movimento político bolsonarista é amplamente associado a membros de denominações evangélicas, que representam 31% da população segundo o Datafolha de 2020. O estudo analisa o perfil dos evangélicos que não votaram em Bolsonaro na última eleição, diferenciando-os dos que escolheram outro candidato e os que rejeitam Bolsonaro. A pesquisa, baseada em dados de intenção de voto de 2022 do Instituto Datafolha com 12.800 participantes, reorganizou 39 categorias religiosas em quatro: evangélicos protestantes, neopentecostais, pentecostais e não especificados. A análise mostrou que os evangélicos de menor renda foram os que menos apoiaram Bolsonaro, enquanto os protestantes tradicionais e pentecostais, geralmente de maior renda, foram os que mais o apoiaram. Conclui-se que a condição econômica individual foi um fator importante no abandono do apoio evangélico a Bolsonaro em 2022.

Palavras-Chave: Religião; Antibolsonarismo; Eleições 2022; Brasil.

ABSTRACT

In Brazil, the political movement supporting Bolsonaro is widely associated with members of evangelical denominations, who represent 31% of the population according to Datafolha 2020. This study analyzes the profile of evangelicals who did not vote for Bolsonaro in the last election, distinguishing between those who chose another candidate and those who completely reject Bolsonaro. The research, based on 2022 presidential voting intention data from the Datafolha Institute with 12,800 participants, reorganized 39 religious categories into four: Protestant evangelicals, neo-Pentecostals, Pentecostals, and unspecified evangelicals. The analysis showed that lower-income evangelicals were the least likely to support Bolsonaro, while traditional Protestant and Pentecostal evangelicals, generally with higher incomes, were the most likely to support him. It concludes that individual economic conditions were a significant factor in evangelical support for Bolsonaro in 2022.

Keywords: *Religion; Anti-Bolsonarism; 2022 Elections; Brazil.*

INTRODUÇÃO

O artigo se vincula à linha de pesquisas sobre escolhas eleitorais e preferência de eleitores por candidatos. Usamos os microdados da pesquisa do Instituto Datafolha da antevéspera do primeiro turno da eleição presidencial de 2022, e o nosso ponto de partida está sumarizado na Tabela 1 a seguir: trata da diferença de apoio a Bolsonaro e Lula, medida pela diferença agregada de intenção de voto por denominação religiosa. Há uma discussão na literatura especializada sobre o papel da religião na estruturação das opções políticas nas eleições mais recentes brasileiras. A Tabela 1 agrega os respondentes pelas grandes denominações religiosas brasileiras, com especificações para o evangelismo, o catolicismo, outras religiões agregadas e aqueles que indicam não ter religião, segundo a pesquisa Datafolha. Estão indicados os percentuais de respondentes que dizem pretender votar em Bolsonaro, candidato à reeleição, e em Lula, seu principal opositor.

Os evangélicos têm se mostrado cada vez mais engajados politicamente, formando grupos influentes, como a Bancada Evangélica no Congresso Nacional, e participando ativamente de debates sobre direitos humanos, direitos sexuais, reprodutivos e políticas educacionais. O apoio substancial que os evangélicos deram ao presidente Bolsonaro é um exemplo claro de sua influência política. Esse apoio é frequentemente caracterizado por uma retórica que enfatiza a percepção de perseguição e a necessidade de proteger os valores familiares tradicionais, que, segundo esses grupos, estão ameaçados (Rosas, 2023).

Embora se diga que o eleitor evangélico é a base do bolsonarismo, isso não é o mesmo que dizer que todo evangelismo se limita a apoiar Bolsonaro. No geral, cerca de 45% dos que se identificam com denominações do protestantismo tradicional e com o pentecostalismo não optaram por Bolsonaro na eleição presidencial de 2022. Entre os neopentecostais, apenas metade dizem votar no candidato à reeleição. Com base nisso, a pergunta que move o trabalho é: quem são os evangélicos que não pretendiam votar em Bolsonaro em 2022?

Nosso objetivo principal é identificar o que caracteriza o eleitor evangélico não bolsonarista. Partimos da hipótese de que, para além da organização por valores não materiais ligados a religiões conservadoras do evangelismo, uma parcela do eleitorado decide o voto para punir ou recompensar o governo que busca a reeleição (Fiorina, 1978). No Brasil, eleitores de baixa renda foram os mais atingidos pela desestruturação de políticas públicas sociais e decisões da área econômica que concentraram renda e aumentaram a pobreza pós-pandemia de covid-19. Se assim, eleitores de baixa renda tenderão a punir o candidato à reeleição, dando apoio à opção oposicionista, apesar da religião que professam.

Tabela 1 – Diferença de intenção de voto para Bolsonaro e Lula em 2022, por religião

Religião	Total de respostas	(%) Bolsonaro (A)	(%) Lula (B)	Diferença de pontos percentuais (A-B)
Protestante tradicional	595	55,2	26,2	+28,9
Pentecostal	1.530	56,4	32,2	+24,3
Neopentecostal	306	49,8	39,4	+10,4
Católica	7.082	29,7	57,1	-27,4
Outras religiões	1.240	37,4	48,6	-11,2
Sem religião	1.229	23,5	60,2	-36,7

Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

A diferença entre os percentuais de intenção de voto em Bolsonaro e em Lula, na coluna da direita da Tabela 1, mostra uma consistente organização das religiões na estruturação das preferências. Denominações do evangelismo apresentam "sobras" positivas, favoráveis a Bolsonaro, embora em proporções distintas. O protestantismo tradicional, com 28,9 pontos percentuais, e o pentecostalismo, com 24,3 pontos percentuais, apresentam as maiores diferenças a favor do candidato à reeleição em 2022. Depois vem os neopentecostais, com apenas 10 pontos percentuais a favor de Bolsonaro. Eleitores que se apresentam como católicos parecem ser mais lulistas, com 27,4 pontos percentuais em favor do candidato do PT. Aqueles que não têm religião foram os que apresentaram a maior diferença em favor de Lula, com 36,7 pontos. Outras religiões agregadas apresentaram uma média de apoio a Lula, com 11,2 pontos percentuais de diferença a favor dele[1].

Para irmos além da abordagem sobre preferência eleitoral simples, propomos como variável a ser estudada um índice de intensidade de identificação que apresenta cinco pontos. Em um extremo estão os eleitores que (i) votam em Lula e rejeitam Bolsonaro, seguido dos que (ii) votam em Lula e não rejeitam Bolsonaro, (iii) votam em outro candidato independentemente de rejeição; (iv) votam em Bolsonaro e não rejeitam Lula e, por fim, (v) votam em Bolsonaro e rejeitam Lula. Com isso temos um índice que permite identificar, nos extremos, as posições mais radicais em relação aos dois principais candidatos e, ao centro, a tendência de posições menos radicais. Esse índice será usado em testes sobre o impacto da religião, controlada pela renda, para se aproximar ou distanciar dos principais candidatos à presidência em 2022.

Para atender aos objetivos da pesquisa após o tópico introdutório, demonstramos na seção conceitual como a religião se disseminou rapidamente no cenário brasileiro e se tornou diversificada, justificando assim nossa categorização da variável "denominação

1 Alertamos que na categoria "outras religiões" estão agregados percentuais de eleitores de religiões de matriz africana, predominantemente a favor de Lula, e percentuais de eleitores espíritas e judeus, majoritariamente pró-Bolsonaro.

religiosa". Na sequência, apresentamos a metodologia de pesquisa, seguida pelos resultados e considerações finais.

A RELIGIÃO NA ARENA POLÍTICA BRASILEIRA

No Brasil, os evangélicos tradicionalmente tendem a adotar posições mais conservadoras e de direita no espectro político-ideológico em comparação com outros grupos religiosos. Este dado se torna mais relevante à medida que a denominação religiosa ganha espaço na agenda política e um número crescente de afiliados condicionam seus votos com base em suas convicções religiosas. Estudos têm destacado esse crescimento significativo (Bohn, 2004), demonstrando uma ascensão notável que passou de 15% dos brasileiros autodeclarados como evangélicos em 2000 para aproximadamente 30% em 2020.

Há uma corrente explicativa que busca associar a filiação às denominações evangélicas com condições econômicas. Neste artigo, essa será uma das principais variáveis explicativas. No que se refere à sofisticação política, nota-se que a exposição dos evangélicos e de outros grupos religiosos aos meios de comunicação de massa desempenha um papel crucial. Estudos demonstram que quanto maior é a exposição de um indivíduo aos meios de comunicação, maior tende a ser seu grau de conhecimento político. A filiação religiosa tende a reduzir os efeitos da pluralidade de conteúdo dos meios de comunicação tradicionais. Tocqueville (1977) argumenta que a liberdade de imprensa não apenas informa os cidadãos sobre eventos políticos, mas também lhes confere poder fiscalizatório sobre os governantes. Lipset (1967) acrescenta que a imprensa desempenha um papel importante na socialização democrática, aumentando a tolerância à diversidade e reduzindo a aceitação de ideologias extremistas. O crescimento da importância religiosa na esfera política reduz esses efeitos.

Existem meios de minimizar a influência religiosa; contudo, autoras como Bohn (2004) demonstraram que há pouca exposição aos meios de comunicação e discussões que aumentariam a capacidade e nível de entendimento das questões da arena política em públicos com centralidade da religião. Por outro lado, há uma elevada participação em reuniões de cunho religioso, confirmando a tese de que existe uma desproporção maior em relação à autoridade gerada pelas ideologias propagadas em igrejas evangélicas, se comparada com outras denominações. O resultado é uma maior lealdade política, traduzida na afirmação "irmão vota em irmão", independentemente das propostas ofertadas. Trata-se de uma identificação preestabelecida às próprias campanhas eleitorais.

A ascensão do pentecostalismo no Brasil é caracterizada pela interação com as influências locais e as discussões sobre sua natureza sincrética, como movimento religioso diversificado e multifacetado. Essa análise se conecta diretamente à discussão

que segue sobre a diversidade religiosa no país ao abordar a pluralidade e fragmentação dentro do segmento evangélico, destacando a complexidade e as nuances do cenário religioso brasileiro.

No contexto das denominações religiosas no Brasil, destacam-se as tradicionais, como o catolicismo, e entre os protestantes, as vertentes evangélicas, pentecostais e neopentecostais. O pentecostalismo, introduzido por imigrantes italianos e suecos por volta de 1910-1911, rapidamente se consolidou como um movimento religioso em crescimento, fragmentando-se em diversas denominações e igrejas (Campos, 2005). O Censo de 2000 evidenciou que a maioria dos evangélicos no país eram pentecostais, com destaque para a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, enquanto a ascensão da Igreja Universal do Reino de Deus refletiu a capacidade de adaptação do pentecostalismo ao contexto de globalização e modernidade (Campos, 2005).

Charles F. Parham desempenhou um papel crucial na fundação do pentecostalismo, conectando experiências extáticas[2] como a glossolalia ao "batismo com o Espírito Santo". Sua influência nos EUA, a partir de 1901, teve repercussões indiretas no cenário religioso brasileiro, contribuindo para a síntese teológica do pentecostalismo. No Brasil, essa influência se integrou ao contexto religioso existente, moldado pela religiosidade popular católica e pelo protestantismo histórico. O pentecostalismo brasileiro, embora tenha suas raízes nos EUA, desenvolveu-se em interação com essas influências locais e transcende os eventos específicos de Topeka em 1901 ou Azusa Street em 1906.

O pentecostalismo no Brasil suscita debates sobre sua natureza sincrética e suas relações com a matriz religiosa brasileira. Autores como Bastian (1997) o consideram um "catolicismo de substituição", enquanto Bittencourt Filho (2003) o enquadra como uma manifestação dessa matriz. As discussões giram em torno da genuinidade protestante ou pentecostal do novo pentecostalismo, dada sua capacidade de assimilação de elementos católicos e mediúnicos, exemplificada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Independentemente das conclusões, ressalta-se que as expressões pentecostais carregam consigo parte do capital cultural pré-existente, resultando em uma continuidade da "religiosidade matricial" desde antes da colonização europeia, enriquecida posteriormente pela influência das culturas africanas e das religiões mediúnicas. Essa síntese pentecostal, agora confrontada com a modernidade, secularização e pluralismo religioso, assume novas formas de manifestação (Bastian, 1997; Bittencourt Filho, 2003).

2 o contexto do pentecostalismo, as experiências extáticas referem-se aos momentos em que os crentes experimentam manifestações espirituais intensas, como falar em línguas (glossolalia), convulsões, visões, curas milagrosas, entre outros fenômenos. Essas experiências são consideradas como sinais da presença e do poder do Espírito Santo, e são valorizadas como uma forma de conexão direta com o divino. Esses momentos extáticos desempenham um papel central nas práticas de adoração e nas experiências religiosas dos pentecostais, muitas vezes marcando eventos de avivamento e cultos carismáticos.

O crescimento e a diversificação do segmento evangélico no Brasil refletem uma realidade religiosa complexa e multifacetada. Dentro desse contexto, o termo "evangélico" abrange uma ampla gama de denominações, desde as igrejas do chamado "protestantismo histórico" até as diversas modalidades de igrejas pentecostais. Além das diferenças entre as denominações, é importante destacar a existência de dissidências e cismas dentro de uma mesma igreja, como exemplificado pela Assembleia de Deus, que possui uma estrutura descentralizada e fragmentada em ministérios e convenções autônomas. Essa pluralidade religiosa também tem impacto na esfera política (Valle, 2018). Assim, a análise da religiosidade no Brasil requer uma abordagem que considere as diferentes denominações e tradições religiosas.

Diante da análise realizada, a complexidade da realidade religiosa brasileira torna-se evidente, especialmente com o crescimento e diversificação do segmento evangélico. Este grupo, historicamente mais conservador e de direita, tem exercido influência significativa na arena política. A compreensão da religiosidade no Brasil requer uma abordagem que considere não apenas as diferentes denominações e tradições religiosas, mas também suas interações com os mecanismos políticos, socioeconômicos e de comunicação de massa (Bohn, 2004; Valle, 2018). Essas considerações são fundamentais para orientar a pesquisa metodológica subsequente, buscando aprofundar o entendimento desses fenômenos e suas implicações na seção seguinte.

Rodrigues-Silveira e Cervi (2019), que investigam o impacto da diversidade de denominações religiosas evangélicas no nível municipal sobre a proporção de votos obtidos pelos deputados que representam esse grupo, indicam que quanto maior o número de igrejas evangélicas com representação em um município, maior tende a ser a proporção de votos obtida pelos deputados evangélicos.

Ademais, a estratégia das igrejas neopentecostais como *brokers* políticos, aliada à sua capacidade de articulação e mobilização, contribui para consolidar ainda mais o papel dos evangélicos na arena política nacional. Rodrigues-Silveira e Cervi (2019) fornecem evidências que relativizam a hipótese de competição entre as diferentes denominações evangélicas, demonstrando que a maior diversidade no interior desse campo religioso favorece os representantes parlamentares desses grupos, em detrimento de outros candidatos. Essa capacidade de articulação das igrejas evangélicas atua como um fator de agregação e racionalização da oferta política, conferindo uma vantagem significativa aos candidatos escolhidos como seus representados em um contexto de alta fragmentação política. Além disso, a análise ressalta como as características do sistema eleitoral brasileiro contribuem para a conversão do potencial demográfico evangélico em representação política efetiva no Congresso Nacional.

Em relação à eleição de Bolsonaro em 2018, Junior Gracino *et al.* (2021) partem da hipótese de que os evangélicos comungam de um ressentimento que catalisa os

vínculos de identificação com o candidato. Esse ressentimento funcionou como um elemento mobilizador crucial, articulado através de um discurso conservador que se opôs às políticas de inclusão promovidas pelo governo do PT. Esse sentimento é direcionado contra as minorias simbólicas, econômicas e demográficas, e é explorado no contexto de uma narrativa que prometia restaurar valores tradicionais e conservadores, ressoando fortemente com a base evangélica. Essa base se percebe como marginalizada e prejudicada pelas políticas anteriores, encontrando no discurso de Bolsonaro uma plataforma de identificação e mobilização.

O discurso religioso conservador foi central na construção de um novo bloco hegemônico em apoio a Jair Bolsonaro. Ainda que o sucesso eleitoral da direita vá além da questão religiosa, o discurso religioso serviu como um mobilizador privilegiado de afetos que se traduziram em apoio eleitoral. Houve um conjunto de dinâmicas sociopolíticas que levaram à ascensão do bolsonarismo, ressaltando a importância dos fatores religiosos e morais na política contemporânea brasileira (Junior Gracino *et al.*, 2021).

Ao realizar uma abordagem ideacional do populismo, nota-se como os discursos de Bolsonaro criaram uma cadeia de equivalências entre grupos que se percebiam excluídos pelo bloco no poder, utilizando o antagonismo em relação ao Partido dos Trabalhadores (PT) como ponto nodal para essa construção hegemônica (Hawkins; Kaltwasser, 2018). Ademais, as políticas de inclusão dos governos mais à esquerda auxiliaram na construção do sentimento de ressentimento e na formação dos vínculos entre líderes e liderados. Laclau (2005) demonstra que a formação de sujeitos políticos a partir de articulações discursivas contextuais e precárias, isto é, a defesa de valores tradicionais desempenhou um papel determinante na configuração dos discursos bolsonaristas, nos quais o elemento religioso foi fundamental.

A importância desses elementos discursivos através do escrutínio dos dados empíricos mostra como a adesão evangélica ao bolsonarismo foi construída tanto pela oferta de líderes religiosos quanto pelas demandas das bases evangélicas. A abordagem de ***demand-side theories*** (Betz, 1990) explica a expansão do apoio populista de direita como uma consequência não intencional de processos de modernização, globalização e transformações econômicas e sociais, mas por novas demandas.

Rennó (2022) mostrou como a consolidação do bolsonarismo atuou como uma força política significativa no Brasil, o definindo não como um fenômeno efêmero, mas um movimento multidimensional com raízes profundas na sociedade brasileira, integrando diferentes vertentes da direita nacional em um projeto ideológico comum. Esse projeto parte de um alinhamento ideológico centrado nos posicionamentos de Jair Bolsonaro, em defesa de "princípios tradicionais", como família, pátria e propriedade, além de políticas duras contra o crime e a corrupção, sendo crítico de políticas sociais progressistas. A retórica de Bolsonaro atraiu um segmento significativo de eleitores

insatisfeitos com os partidos tradicionais, especialmente o PT.

As eleições de 2022, segundo Rennó (2022), foram caracterizadas por um alto potencial de violência e turbulência, com a possibilidade de que o resultado fosse contestado por Bolsonaro e seus seguidores, seguindo um padrão semelhante ao observado nos Estados Unidos sob Donald Trump. Todas as situações ocorridas durante o governo de Bolsonaro, como o desgaste durante a pandemia de covid-19 e o aumento das tensões democráticas, com o próprio presidente questionando a legitimidade do sistema de votação eletrônico, desembocaram em uma organização social altamente polarizada, acentuando a diferenciação entre os campos ideológicos e tornando as preferências políticas ainda mais determinantes nas escolhas eleitorais. O fenômeno bolsonarista pode ser situado no contexto das dinâmicas eleitorais e das transformações políticas no Brasil contemporâneo, como um dos desafios que a democracia brasileira enfrenta.

Nina Rosas (2023) também discute a ascensão do bolsonarismo, demonstrando que, historicamente, o catolicismo desempenhou um papel crucial na formação sociopolítica do Brasil, mas, nas últimas décadas, as denominações evangélicas estão em alta, pois emergiram como uma força central na vida pública brasileira, influenciando valores, crenças e questões políticas fundamentais de forma homogênea. Comumente exercem um duplo papel, como redes de suporte comunitário e entidades políticas. Essas igrejas não apenas fornecem serviços sociais, como também promovem um senso de cidadania e justiça se envolvendo ativamente em mobilização política.

A Teologia do Domínio, que ganha destaque entre certos grupos evangélicos, trata de uma teologia que defende que os cristãos devem governar a sociedade com base em princípios bíblicos. Figuras como Ana Paula e André Valadão exemplificam a aliança entre alguns setores evangélicos e a agenda ultraconservadora. Um aspecto crucial das denominações protestantes é ambivalência e o relativismo estratégico sobre política e questões sociais, pois as posições oficiais das igrejas são frequentemente reinterpretadas pelos fiéis, permitindo uma flexibilidade que acomoda uma variedade de perspectivas individuais. O conceito de "livre-arbítrio" é central nesse contexto, possibilitando que os evangélicos mantenham as doutrinas religiosas tradicionais ao mesmo tempo em que respeitam e amam aqueles com sexualidades e crenças diferentes (Rosas, 2023).

O setor feminino também representou um forte grupo de apoio a Bolsonaro dentro das igrejas. Segundo Teixeira e Reis (2023), mulheres de camadas mais baixas, afiliadas ao protestantismo, comumente rejeitam o feminismo, associando-o à defesa do aborto, por exemplo. Essas mulheres destacam a importância de combater a violência sexual por meio da educação e de serviços de proteção, refletindo uma visão pragmática e seletiva sobre questões de gênero. A interseção entre evangelismo, política e gênero no Brasil requer uma abordagem nuançada, que leve em conta a natureza complexa e frequentemente contraditória dessas relações. A crescente influência dos evangélicos

reflete dinâmicas sociopolíticas mais amplas e o uso estratégico da religião na formação do discurso público e das políticas.

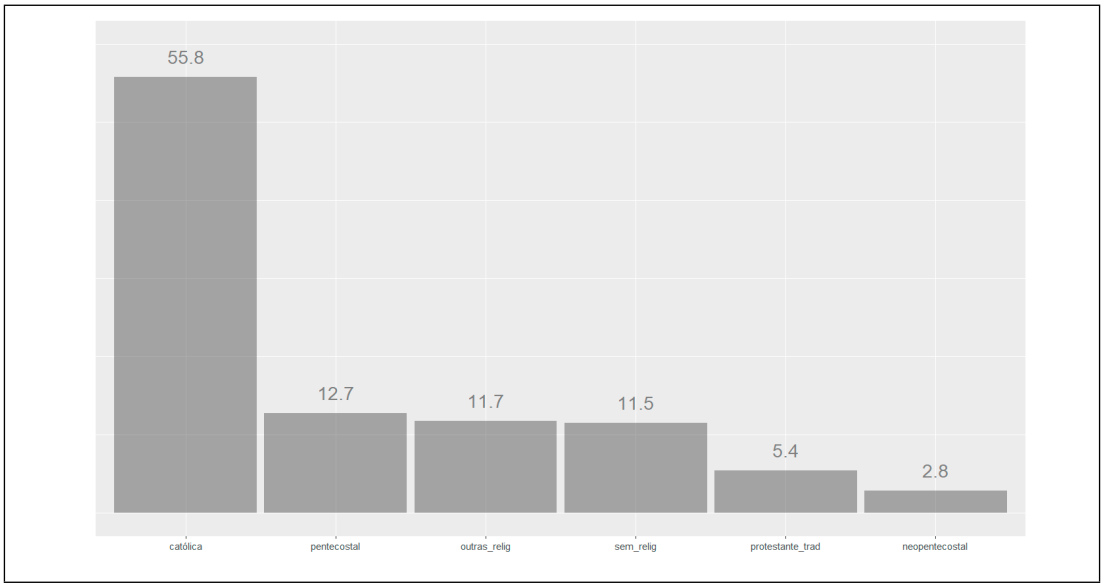
Diante da análise realizada, a complexidade da realidade religiosa brasileira torna-se evidente, especialmente com o crescimento e diversificação do segmento evangélico. Esse grupo, historicamente mais conservador e de direita, tem exercido influência significativa na arena política, com eleitores cada vez mais condicionando seus votos às convicções religiosas. Além disso, a exposição dos evangélicos aos meios de comunicação desempenha papel crucial em sua sofisticação política, embora haja pouca discussão focada em comparação com a participação em reuniões religiosas. Isso sugere uma desproporção na autoridade gerada pelas ideologias nas igrejas evangélicas, resultando em forte lealdade política. Além disso, eleitores que se identificam com alguma denominação evangélica perpassam todas as faixas de renda da população. Portanto, a compreensão da religiosidade no Brasil requer uma abordagem que considere não apenas as diferentes denominações e tradições religiosas, mas também suas interações com os mecanismos políticos, socioeconômicos e de comunicação de massa (Bohn, 2004; Valle, 2018). Essas considerações são fundamentais para orientar a pesquisa que realizamos. Na sequência apresentaremos os aspectos metodológicos, buscando aprofundar o entendimento desses fenômenos e suas implicações.

MATERIAIS E MÉTODOS

A base de dados usada aqui é a produzida pelo Instituto Datafolha em pesquisa com amostra nacional, divulgada na sexta-feira, dia 30 de setembro de 2022, antevéspera do primeiro turno da eleição. O questionário conta com 12.800 entrevistas e, para os objetivos do artigo, desconsideraremos os pesos aplicados pelo instituto.

A nossa variável explicativa é religião, pois queremos analisar como a distribuição das manifestações de apoio e rejeição aos dois principais candidatos associam-se com as diferentes religiões declaradas pelos entrevistados. De forma complementar, queremos identificar que religiões declaradas estão mais fortemente associadas a cada um dos políticos analisados aqui. Como religião não é um critério para o estabelecimento das cotas amostrais, o Instituto Datafolha utiliza pesos para ponderar possíveis diferenças entre o perfil da amostra e da população. Considerando que nosso objetivo não é predizer intenção de voto, usamos os números de respostas obtidos sem considerar as ponderações apresentadas pelo instituto. Além disso, o Datafolha coletou a informação da denominação religiosa citada pelo entrevistado. Aqui, nós agregamos as categorias em cinco grupos. Católica, pentecostal, outras religiões, não tem religião, protestante tradicional ou neopentecostal. Desconsideramos 901 respostas classificadas como "evangélica sem especificar" por não ser possível classificar em uma das três principais vertentes do evangelismo consideradas aqui. O grupo de evangélicos sem especificar representa 7% da amostra, ficando acima da participação dos neopentecostais e protestantes tradicionais.

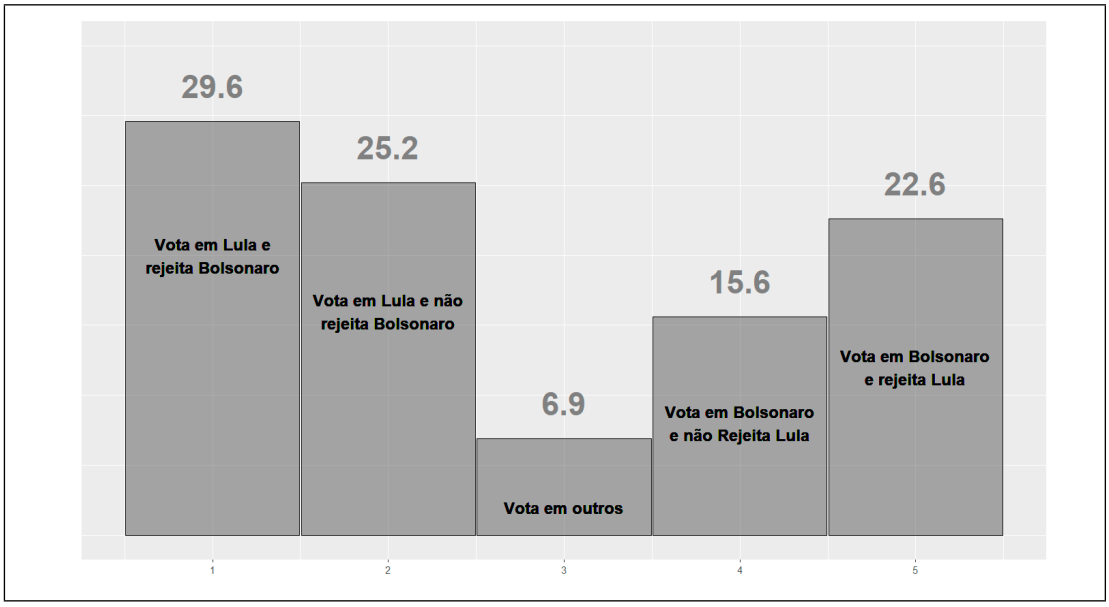
Gráfico 1 – Distribuição das respostas por religião declarada no questionário – sem pesos



Fonte: autores a partir de Datafolha (2022).

Nossa variável dependente é um índice que mede a intensidade de apoio eleitoral aos dois principais candidatos a presidente em 2022, calculado a partir de duas variáveis: intenção de voto estimulada e primeira opção de rejeição. O índice final está na forma de uma escala de *Likert*, onde em uma extremidade está quem vota em Lula e rejeita Bolsonaro, passando por vota em Lula sem rejeitar Bolsonaro, a posição média é vota em outro candidato, seguida de vota em Bolsonaro sem rejeitar Lula e, na extremidade oposta, vota em Bolsonaro e rejeita Lula. O Gráfico 2, a seguir, mostra a distribuição dos percentuais de respostas em cada categoria do índice.

Gráfico 2 – Distribuição do Índice de intensidade de apoio a Lula e Bolsonaro



Fonte: autores a partir de Datafolha (2022).

Como o formato das distribuições indica, o primeiro turno de 2022 terminou polarizado, com os dois principais candidatos concentrando mais de 90% das intenções de voto. As somas dos percentuais não coincidem com o desempenho de Lula e Bolsonaro no primeiro turno em função das diferenças entre votos totais, que são aferidos pela pesquisa, em relação a votos válidos, obtidos no resultado oficial. Ainda assim, os percentuais de Lula, Bolsonaro e a soma de votos em outros candidatos ficam dentro da margem de erro máxima estabelecida pelo instituto.

Além da polarização, percebe-se que os dois candidatos apresentam proporcionalmente mais votos entre os que rejeitam o principal oponente do que em relação ao voto sem rejeição. No caso de Bolsonaro, a proporção de votos no então candidato à reeleição e que rejeitam Lula representa 59% (22,6% de 15,6%) do total. Já para Lula, os que indicam voto nele com rejeição ao então candidato à reeleição ficam em 54% (29,6% de 25,2%) do total. Ou seja, mais da metade das intenções de voto em Lula rejeitavam Bolsonaro, enquanto quase 60% das intenções em Bolsonaro indicavam rejeição a Lula.

Na última parte da análise utilizaremos a variável renda familiar como controle para o efeito da religião sobre a intensidade de apoio a um ou outro candidato, como medida econômica. O banco de dados do Instituto Datafolha informa a renda do respondente por faixas de salários-mínimos a partir das declarações em reais ao mês. Como indicado na Tabela 2, a seguir, são declaradas oito faixas de renda, tendo a superior (acima de R$ 60,6 mil) apenas nove casos. A coluna da direita da tabela mostra os percentuais acumulados de cada faixa. É possível perceber que entrevistados com renda familiar de até dois salários-mínimos (R$ 2,4 mil) mensais representam praticamente metade da amostra, com 49,3% das respostas.

Tabela 2 – Distribuição das faixas de renda informadas pelos entrevistados

Faixas de Renda	Número de casos	(%)	(%) cumulativo
1. Até R$ 1.212,00	3.349	27,1	27,1
2. De R$ 1.213,00 até R$ 2.424,00	2.748	22,2	49,3
3. De R$ 2.425,00 até R$ 3.636,00	2.358	19,1	68,4
4. De R$ 3.637,00 até R$ 6.060,00	2.233	18,1	86,5
5. De R$ 6.061,00 até R$ 12.120,00	1.142	9,2	95,7
6. De R$ 12.121,00 até R$ 24.240,00	417	3,4	99,1
7. De R$ 24.241,00 até R$ 60.600,00	98	0,8	99,9
8. R$ 60.601,00 ou mais	9	0,1	100,0
Total	**12.355**	**100,0**	

Fonte: autores a partir de Datafolha (2022).

No próximo tópico faremos as associações entre as variáveis apresentadas aqui. Em um primeiro momento, o objetivo é verificar o grau de associação entre religião declarada

e índice de intensidade de apoio. Em seguida são apresentados modelos de regressão da intensidade de apoio por denominação religiosa com e sem controle da variável econômica para identificação de variação dos efeitos.

RESULTADOS

O primeiro resultado apresentado é a associação entre intensidade de apoio e religião declarada, em complemento à Tabela 3, que apresenta os percentuais para os respondentes por religião. Percebe-se que entre os protestantes tradicionais, pentecostais e neopentecostais, os maiores percentuais estão entre os que votam em Bolsonaro e rejeitam Lula, todos em torno de 33% do total de respondentes por religião. A religião católica, outras religiões e não tem religião giram em torno de 33% de voto em Lula e rejeição a Bolsonaro. No caso dos protestantes tradicionais e pentecostais, o segundo maior percentual está na categoria "vota em Bolsonaro e não rejeita Lula", com 22,3% e 24,1%, respectivamente. No caso das demais categorias, inclusive a neopentecostal, o segundo maior percentual fica em "vota em Lula e não rejeita Bolsonaro".

Os resultados evidenciam uma associação substancial entre a intensidade de apoio político e a religião autodeclarada pelos participantes, corroborando as premissas de estudos anteriores que investigaram as interações entre identidade religiosa e comportamento político (Smith, 2019; Oliveira, 2021). No contexto brasileiro, onde a religião desempenha um papel significativo na vida pública e nas preferências eleitorais, a análise dos dados revelou padrões distintos de preferência política entre os diferentes grupos religiosos examinados, alinhando-se com as conclusões de pesquisas anteriores sobre a influência da afiliação religiosa nas atitudes políticas (Sousa, 2018).

No gráfico que acompanha a tabela 3, resíduos positivos[3] estão em azul e negativos em vermelho. Quanto mais próximo de zero, menor a intensidade da cor. Aqui fica mais claro onde está a diferença dos que se declaram neopentecostais em relação ao demais evangélicos. Nas duas colunas da direita, vota em Bolsonaro, percebe-se que as três categorias de evangélicos estão em tons de azul. Todas elas acima do limite crítico e com resíduos positivos. O menor valor, 2,4, é para os neopentecostais, embora ainda acima do limite crítico. No entanto, quando olhamos para as duas colunas da esquerda, para as três denominações evangélicas e voto em Lula, percebe-se que os neopentecostais ficam abaixo do limite crítico, -1,3. Apesar de também votar majoritariamente em Bolsonaro, os neopentecostais estão mais presentes entre eleitores de Lula que não rejeitavam o então candidato à reeleição.

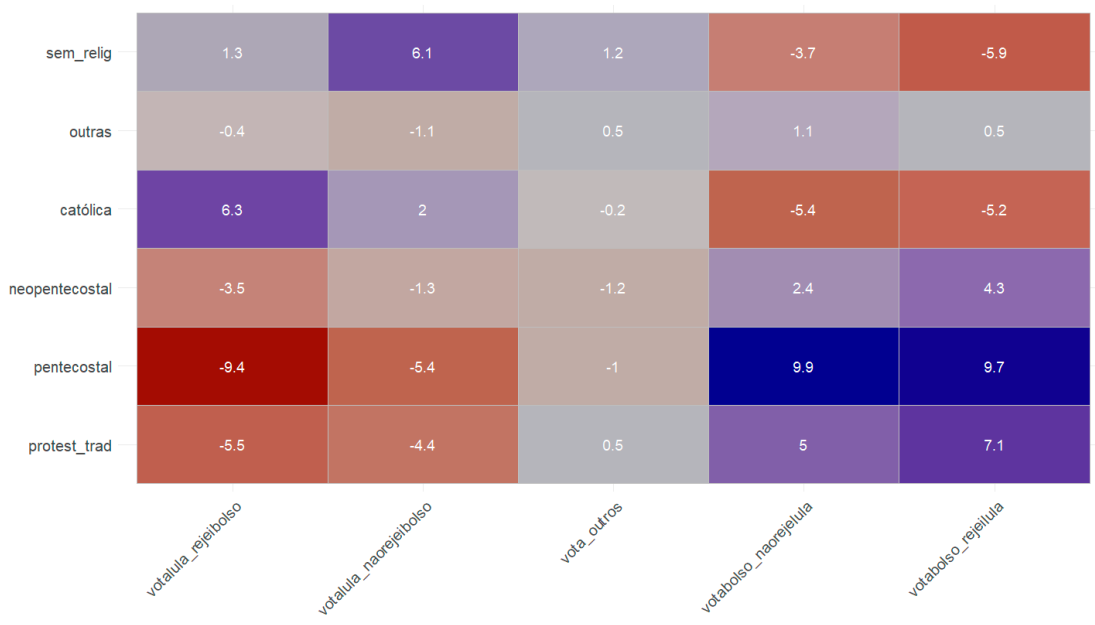
3 Os resíduos padronizados são medidas descritivas que permitem identificar a força da associação entre pares de categorias de cada variável, além da direção dela. Resíduos negativos mostram que há menos casos naquele par de categorias do que o esperado na distribuição teórica. Resíduos positivos indicam concentração de casos no par de categorias. Por ser uma medida padronizada, usa-se o valor de ±1,96 como limite crítico. Qualquer resíduo padronizado entre -1,96 e +1,96 é considerado abaixo do limite crítico para significância estatística. Valores abaixo de -1,96 e acima de +1,96 são interpretados como significativos estatisticamente (Rosenberg, 1971).

Mapa 1 - Área com maior ocorrência de conflitos armados na região Saara/Sahel

Tabela 3 – Associação entre percentuais de Índice de intensidade de apoio e religião declarada

	Intensidade de apoio					
Religião	Vota em Lula e rejeita Bolsonaro	Vota em Lula não rejeita Bolsonaro	Vota em outros	Vota em Bolsonaro não rejeita Lula	Vota Bolsonaro e rejeita Lula	Total
Sem religião	32,9	35,1	7,9	10,4	13,8	1.229 (100%)
Outras religiões	30,2	24,7	7,3	15,6	22,2	1.240 (100%)
Católica	34,9	27,5	6,9	12,0	18,7	7.082 (100%)
Neopentecostal	19,5	22,7	5,1	19,5	33,2	306 (100%)
Pentecostal	17,4	19,2	6,3	24,1	33,1	1.530 (100%)
Protestante tradicional	18,2	16,9	7,5	22,3	35,2	595 (100%)
Total	3.682	3.146	836	1.731	2.588	11.982 (100%)

Gráfico 3 - Resíduos padronizados



Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

Ainda olhando para as linhas, as três primeiras indicam uma tendência de resíduos positivos para Lula e negativos para Bolsonaro, embora com menos intensidade, e, em vários casos, os resíduos ficam abaixo do limite crítico. Na religião católica, o maior resíduo positivo é voto em Lula com rejeição a Bolsonaro. Entre os sem religião, o maior resíduo positivo é voto em Lula sem rejeição a Bolsonaro. O oposto, com resíduos negativos, se dá nas categorias de votação em Bolsonaro. No caso de voto em outros candidatos, todos os resíduos por religião ficam abaixo do limite crítico para significância estatística. Como a categoria "vota em outro" no índice de intensidade de apoio e as categorias "outra religião" e "sem religião" apresentaram

baixa significância estatística na associação bivariada, serão desconsiderados nas análises a partir daqui.

A primeira análise é a partir dos coeficientes gerados por modelos de regressão linear onde a variável dependente é o Índice de Intensidade de Apoio. A variável explicativa de cada modelo é binária e identifica se o respondente declara pertencer a uma das quatro nominações: protestante tradicional, pentecostal, neopentecostal ou católico. Em cada um dos casos é apresentado um modelo com controle da variável econômica que classifica a renda familiar do respondente em salários-mínimos mensais. Os principais coeficientes estão sumarizados na Tabela 3 a seguir. Em todos os modelos, o efeito da variável de controle é parecido, com coeficiente beta em torno de 0,200, com efeitos distintos, embora pouco significativos. No caso de protestante e neopentecostal, os coeficientes da variável religião sobem quando controlados pela renda. Na pentecostal, o efeito é o contrário, e para a religião católica não há mudança no coeficiente beta da religião.

Os resultados indicam que os evangélicos, especialmente os protestantes tradicionais e pentecostais, exibem uma clara inclinação para o apoio ao candidato Bolsonaro, refletindo a influência das ideologias conservadoras e dos valores morais tradicionais dentro desses segmentos religiosos (Santos et al., 2019). No entanto, os neopentecostais emergem como um grupo com uma dinâmica mais complexa, demonstrando uma variabilidade em suas preferências políticas, o que pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo socioeconômicos e mudanças nas dinâmicas religiosas contemporâneas (Silva, 2020).

Tabela 4 – Regressão linear para intensidade de apoio por religião com controle de renda

	1. Protestante		2. Pentecostal	
	Mod. 1.1	Mod. 1.2	Mod. 2.1	Mod. 2.2
Religião	0,691 (0,065)***	0,675 (0,021)***	0,714 (0,042)***	0,783 (0,042)***
Renda		0,201 (0,009)***		0,214 (0,009)***
r2	0,009	0,046	0,022	0,065
	3. Neopentecostal		4. Católica	
	Mod. 3.1	Mod.3.2	Mod. 4.1	Mod. 4.2
Religião	0,519 (0,090)***	0,558 (0,091)***	-0,476 (0,027)***	-0,476 (0,027)***
Renda		0,205 (0,009)***		0,200 (0,009)***
r2	0,003	0,041	0,023	0,061

Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

As três denominações evangélicas apresentam coeficientes positivos, o que indica que há uma tendência de pertencer a uma delas e estar mais próximo das posições em favor de Bolsonaro. O coeficiente B para a religião católica é negativo, indicando que se declarar católico tende a aproximar de posições mais favoráveis a Lula na antevéspera do primeiro turno de 2022. Os coeficientes dos modelos de regressão linear reforçam a informação da Tabela 3, que distingue o apoio de católicos do de evangélicos quanto aos dois principais candidatos a presidente naquela eleição. Além disso, mostra que há diferentes intensidades explicativas. Ser pentecostal e protestante tradicional implica em 0,7 ponto a mais do índice em direção à identificação com Bolsonaro. Já ser neopentecostal soma apenas 0,55 ponto na mesma direção. Enquanto ser católico prediz 0,47 ponto em direção ao apoio a Lula no índice de intensidade de apoio.

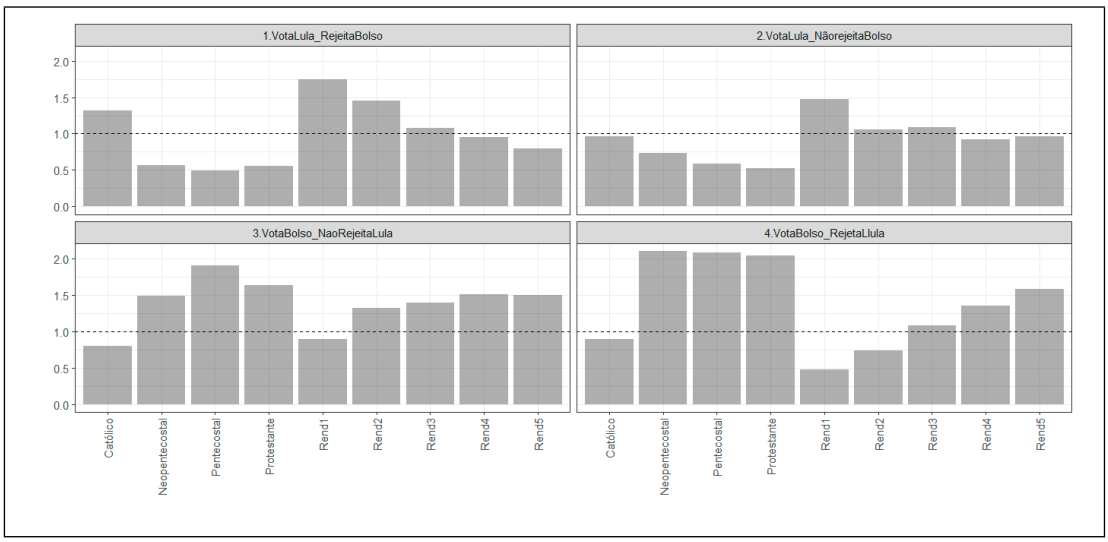
Para avançar no detalhamento dos efeitos individuais e combinados da religião e renda, a partir daqui apresentamos os principais coeficientes de regressões logísticas binárias para cada uma das quatro posições extremas do índice de intensidade de apoio: i) vota em Lula e rejeita Bolsonaro; ii) vota em Lula, mas não rejeita Bolsonaro, iii) vota em Bolsonaro, mas não rejeita Lula; iv) vota em Bolsonaro e rejeita Lula. Os modelos produziram coeficientes de efeito esperado para cada uma das quatro denominações religiosas e para cinco categorias de renda. Resolvemos reunir as três categorias superiores em uma só, em função do baixo número de casos. Então, as cinco categorias representam: i) até um salário-mínimo, ii) entre um e dois salários-mínimos, iii) entre dois e três salários-mínimos, iv) de três a cinco salários-mínimos e v) acima de cinco salários-mínimos. Com essa distribuição, cada categoria representou entre 15% e 25% de respostas válidas. Assim, temos cerca de 50% dos respondentes considerados de baixa renda (categorias i e ii), quase 40% de renda média (iii e iv), e pouco mais de 10% de renda mais alta (categoria v).

O coeficiente apresentado aqui é o ExpB, que indica a expectativa de pertencer a determinada categoria do índice de intensidade de apoio em função do pertencimento a uma denominação religiosa e classe de renda. Se o ExpB fica acima de 1,00, significa que há uma chance positiva de encontrar respondentes de determinada religião e renda em uma categoria do índice. Se o ExpB fica entre zero e 1,00, a chance é negativa. Todas as imagens apresentam uma linha tracejada na posição 1,00 do ExpB (Gujarat, 2006). Assim, nos gráficos a seguir, as categorias cuja barra ultrapassar a linha tracejada são aquelas que apresentam mais chance de se encontrar em determinada categoria do índice de intensidade de apoio. O inverso aplica-se às barras que ficarem abaixo da linha horizontal.

O Gráfico 3, a seguir, mostra os coeficientes para todas as categorias de religião e renda separadas. As imagens dos gráficos 4.1 a 4.4 mostram os efeitos conjuntos do pertencimento a determinada denominação com uma categoria de renda. As barras no Gráfico 3 mostram que, no caso do apoio a Lula, a religião católica apresenta

coeficiente acima de um para o grupo dos que votam e Lula e rejeitam Bolsonaro, mas fica pouco abaixo na categoria de voto em Lula sem rejeitar Bolsonaro. Católicos tendem a apoiar mais claramente Lula. Variáveis de renda são as mais significativas para o caso dele. Os três grupos mais baixos de renda apresentam coeficiente acima de um, enquanto as categorias mais altas ficam abaixo da linha. No caso de Bolsonaro, a posição menos extremada apresenta coeficientes acima de um para quase todas as categorias, exceto religião católica e renda de até um salário-mínimo (Rnd1). Já na posição mais extremada, que, além de votar em Bolsonaro, também rejeita Lula, as três denominações evangélicas ficam com coeficiente em torno de 2,0, sendo os maiores de todo o conjunto de modelos. Além disso, da terceira categoria de renda (renda média) para cima há um crescimento gradual do coeficiente, indicando maior chance de presença nesse grupo conforme cresce a renda declarada pelo respondente.

Gráfico 3 – Coeficiente ExpB de modelos de regressão binários para cada posição de intensidade de apoio a candidatos por religião e faixa de renda

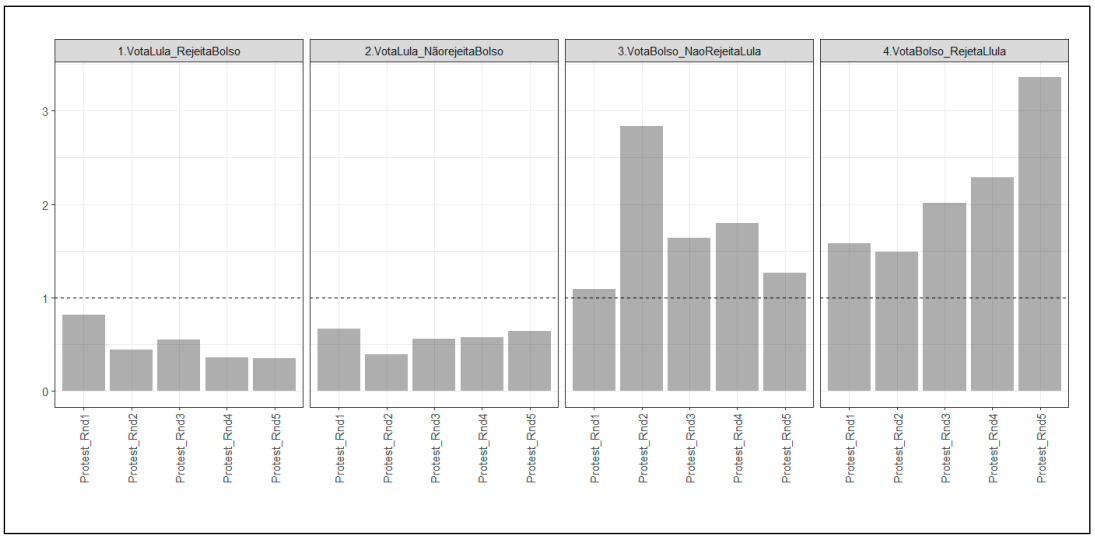


Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

Para testar o efeito conjunto da religião e renda, as regressões binárias passaram a considerar como variáveis explicativas os efeitos associados de religião para cada faixa de renda[4]. São produzidos modelos estatísticos para cada religião e categoria do índice de intensidade de apoio. Aqui, também, se a barra passa da faixa pontilhada, indica que para aquela religião e faixa de renda espera-se um efeito positivo para a presença na categoria do índice de intensidade de apoio. São quatro imagens, de 4.1 a 4.4, uma para cada denominação religiosa. Em cada imagem há um gráfico para cada uma das quatro posições no índice de intensidade de apoio.

4 Todos os coeficientes dos modelos encontram-se no anexo ao texto.

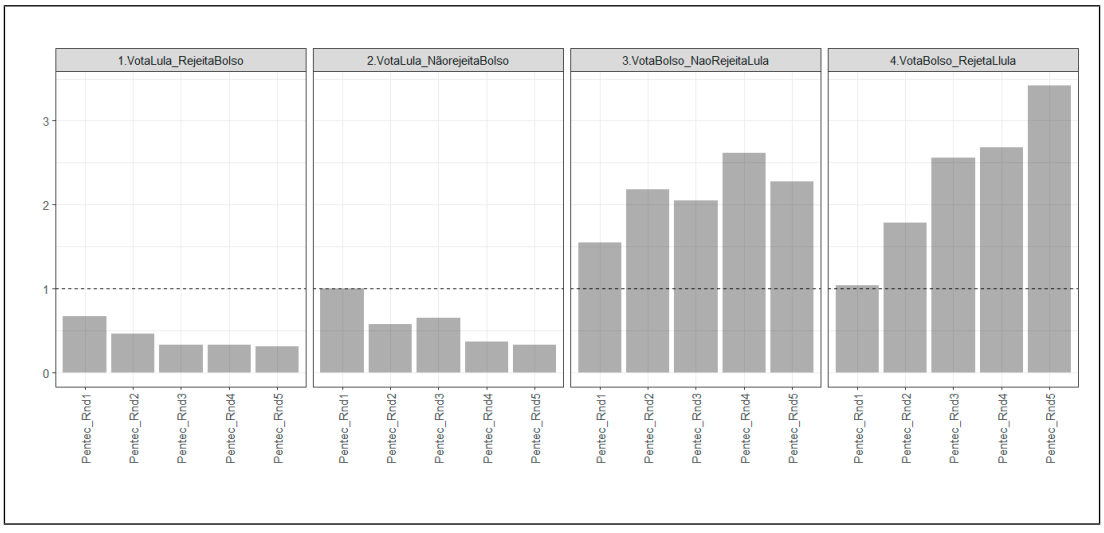
Gráfico 4.1 – Denominações protestantes tradicionais controladas por faixa de renda para intensidade de apoio



Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022)

O Gráfico 4.1 mostra as distribuições dos coeficientes para as denominações protestantes tradicionais. Nos gráficos de apoio a Lula, as barras para todas as faixas de renda ficam abaixo de um, indicando menor presença de protestantes, independentemente de renda. O mesmo acontece nas duas categorias em apoio a Bolsonaro, mas em sentido contrário. Todas as barras ficam acima da linha de significância. E, no caso mais extremo, voto em Bolsonaro com rejeição a Lula, as barras crescem gradativamente na mesma direção que as faixas de renda. Os protestantes tradicionais são os mais consistentes em apoio a Bolsonaro e rejeição a Lula, pois a intensidade dos coeficientes na categoria mais extremada do índice – com rejeição a Lula – é superior à posição mais moderada.

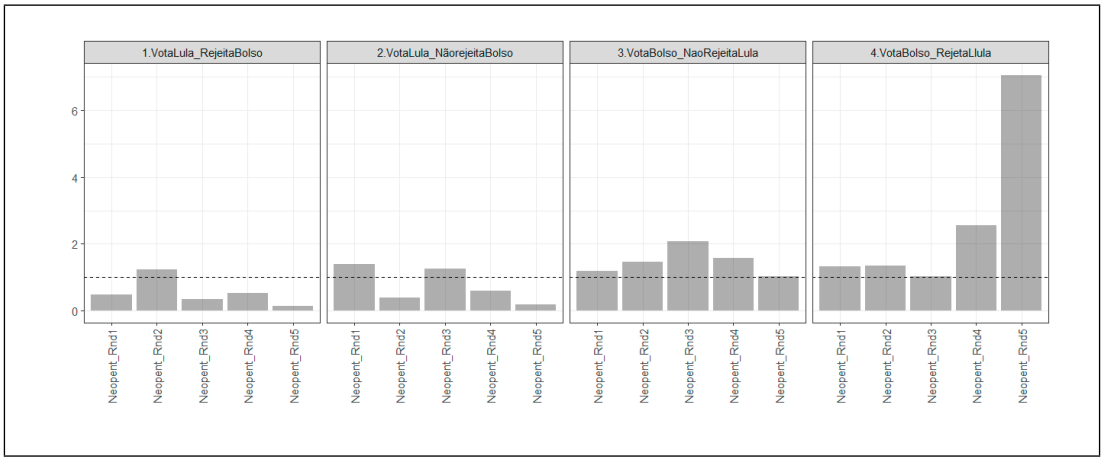
Gráfico 4.2 – Denominações pentecostais controladas por renda e intensidade de apoio



Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

Eleitores que se identificam com denominações pentecostais apresentam comportamento similar ao dos protestantes tradicionais. No Gráfico 4.2, a categoria de Lula com rejeição a Bolsonaro, todas as categorias de renda ficam abaixo de um. Entre os que votam em Lula e não rejeitam Bolsonaro, os coeficientes também ficam abaixo de um, com uma tendência de redução dos valores conforme aumenta a renda. No caso de apoio a Bolsonaro, os coeficientes ficam acima de um para as duas categorias, sem e com rejeição a Lula. No caso mais extremado, voto em Bolsonaro com rejeição a Lula, os coeficientes são os maiores dos modelos e apresentam um crescimento gradual conforme aumenta a faixa de renda. Apenas pentecostais da faixa de renda mais baixa (menos de um salário-mínimo por mês) ficam próximos a um, portanto, sem efeito significativo para apoio a Bolsonaro com rejeição a Lula. O mesmo acontece com essa faixa de renda para apoio a Lula sem rejeição a Bolsonaro. Ou seja, pentecostais só não são tão consistentes em apoio a Bolsonaro quanto protestantes tradicionais por conta da faixa de renda mais baixa para voto em Lula sem rejeição a Bolsonaro e voto em Bolsonaro rejeitando Lula. Isso indica um desequilíbrio em termos de radicalismo. Os pentecostais mais pobres têm mais apoio a Lula, porém, sem rejeitar Bolsonaro. Enquanto as maiores faixas de renda apresentam presença mais intensa na categoria mais extremada, de apoio a Bolsonaro com rejeição a Lula.

Gráfico 4.3 – Denominações neopentecostais controladas por faixa de renda para intensidade de apoio

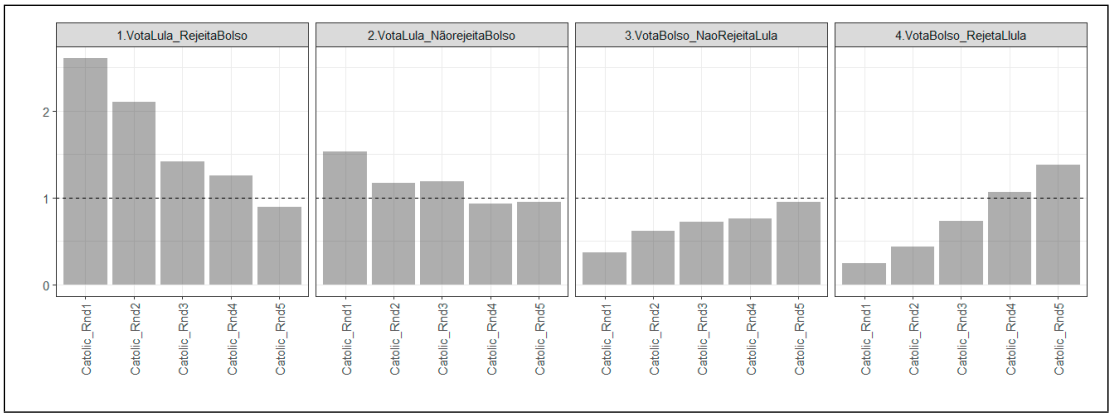


Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

Eleitores de denominações neopentecostais são os que apresentam menor consistência na intensidade de apoio a Lula e Bolsonaro quando controlados por renda. O Gráfico 4.3, acima, mostra que são os únicos evangélicos com barras acima de um para as categorias de apoio a Lula. No caso mais radical, apoio a Lula com rejeição a Bolsonaro, o coeficiente fica acima de um para a faixa de renda entre um e dois salários-mínimos (Rnd2). Na categoria de apoio a Lula sem rejeitar Bolsonaro, ficam com coeficiente superior a um a menor faixa de renda e a terceira. Ou seja, com mais ou menos intensidade, neopentecostais de baixa e média renda apresentam apoio a Lula, que fica acima dos valores identificados entre

os protestantes tradicionais e pentecostais. Nas categorias de apoio a Bolsonaro, há uma tendência de efeito positivo, porém, também sem a consistência dos casos anteriores. No caso de apoio a Bolsonaro sem rejeitar Lula, há crescimento do efeito de baixa até média renda. A partir da faixa 4 de renda, percebe-se uma queda na intensidade do coeficiente. Na categoria mais extremada, de apoio a Bolsonaro com rejeição a Lula, há uma estabilidade de efeitos em torno de um até a terceira faixa de renda. Entre eleitores neopentecostais com maior renda, percebe-se um crescimento do efeito. Em resumo, entre neopentecostais de baixa renda há um equilíbrio maior entre identificação com Lula e Bolsonaro, ainda que este último apresente vantagem. Porém, conforme cresce a renda, aumenta a tendência de apoio a Bolsonaro.

Gráfico 4.4 – Religião católica controlada por faixa de renda para intensidade de apoio



Fonte: Autores a partir de Datafolha (2022).

O Gráfico 4.4 mostra os resultados dos modelos de regressão para eleitores católicos. Há uma relativa inversão dos efeitos, com maior identificação com Lula, porém, sem a mesma consistência dos Gráficos 4.1 e 4.2. Entre eleitores que votam em Lula e rejeitam Bolsonaro, o coeficiente fica bem acima de um para a categoria de renda mais baixa, e vai caindo conforme cresce a renda. A faixa mais alta, Rnd5, é a única que fica abaixo de um para essa categoria. No apoio a Lula sem rejeitar Bolsonaro, na faixa mais baixa de renda, o coeficiente fica acima de um. Nas duas categorias seguintes, ele segue um pouco superior e, nas duas mais altas, fica pouco abaixo de um, mostrando uma distribuição independente de renda. Nas duas categorias de apoio a Bolsonaro, a tendência geral é a mesma, com crescimento gradual conforme aumenta a faixa de renda. Entre eleitores católicos que votam em Bolsonaro sem rejeitar Lula, todos os coeficientes ficam abaixo de um, porém, apresentam crescimento gradual conforme cresce a renda. Ou seja, há uma tendência de aumento do apoio a Bolsonaro sem rejeição a Lula, ainda que em todas as faixas o coeficiente fique abaixo de um. Já na categoria mais extremada, de apoio a Bolsonaro e rejeição a Lula, a tendência geral é a mesma, porém, com as duas faixas de renda superior ultrapassando o valor de um, o que indica que há tendência de encontrar mais católicos com renda alta votando em Bolsonaro e com rejeição a Lula.

As análises de regressão linear e logística forneceram insights adicionais sobre a interação entre religião, renda e apoio político, destacando a importância de considerar múltiplos fatores ao examinar as preferências eleitorais dos brasileiros (Almeida, 2017; Lima, 2019). Os resultados sugerem que a renda desempenha um papel significativo na intensidade do apoio político, com os eleitores de baixa renda tendendo a apresentar uma maior adesão a posições políticas mais radicais, enquanto aqueles com renda mais alta mostram uma maior diversidade de preferências políticas (Ferreira, 2018; Rodrigues, 2020).

Em síntese, os resultados desta pesquisa contribuem para uma compreensão mais aprofundada das complexas interações entre religião, renda e política no contexto brasileiro contemporâneo, destacando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e contextualizada ao estudar as preferências políticas dos eleitores (Santana, 2021; Pereira, 2022). Essas descobertas têm implicações significativas para o entendimento da dinâmica política, eleitoral e social do país, ressaltando a importância de considerar não apenas variáveis individuais, mas também contextos históricos, culturais e socioeconômicos ao analisar as relações entre religião e política (Alves, 2016; Costa, 2020).

CONCLUSÕES

Os principais "achados" aqui revelam a interação entre fatores religiosos e socioeconômicos para apoio a candidatos à presidência em 2022. A heterogeneidade dentro do bloco evangélico, especialmente entre pentecostais tradicionais e neopentecostais, evidencia nuances na relação com os candidatos presidenciais. Além disso, a influência da renda sobre as preferências eleitorais, especialmente entre os neopentecostais de baixa renda, destaca a necessidade de uma abordagem multifacetada para entender a dinâmica eleitoral no país. Essas descobertas desafiam concepções simplistas de polarização e apontam para a importância de análises contextuais e refinadas.

Os microdados da pesquisa do Instituto Datafolha de antevéspera do primeiro turno de 2022 para a presidência do Brasil nos permitiram responder à pergunta feita no título do artigo: quem são os evangélicos que não se identificam com Bolsonaro? Demonstramos que o evangelismo não foi um bloco monolítico que se confunde inteiramente com bolsonarismo eleitoral. Enquanto eleitores de denominações do protestantismo tradicional e do pentecostalismo tendem a apoiar Bolsonaro, principalmente na posição mais extremada – com rejeição a Lula –, neopentecostais tendem a se distribuir de maneira menos consistente. A explicação está na variável econômica. Neopentecostais de baixa renda tendem a apoiar mais Lula, ainda que sem rejeitar Bolsonaro. Renda controla religião no caso dos neopentecostais, mas não para os demais ramos do evangelismo.

O nível de concentração de evangélicos em cada classe de renda ajudam a entender a diferença de preferência eleitoral. Enquanto, para o total da amostra, respondentes das duas faixas mais baixas de renda representam 49% do total, entre os neopentecostais esse percentual sobe para 57% e, por outro lado, os protestantes tradicionais ficam em apenas 42% dessa faixa de renda. Em outras palavras, eleitores mais pobres tendem a se identificar mais com Lula em 2022 e eles estão concentrados entre os neopentecostais. No entanto, mesmo os mais pobres entre protestantes tradicionais e pentecostais têm identificação com Bolsonaro. As duas explicações são complementares, não excludentes. Em outras palavras, evangelismo não é um bloco monolítico que se identifica com o bolsonarismo em todas as condições, e, ao mesmo tempo, a associação entre renda e intensidade de apoio a um dos candidatos reforça o princípio de que eleições existem para 'premiar' ou 'punir' o governante e o desempenho de seu governo no passado recente.

Além de identificar quem são os evangélicos que não se identificam com o bolsonarismo, também foi possível estabelecer quem são os católicos bolsonaristas. Basicamente, aqueles com alta renda. E católicos com alta renda apresentam presença superior na categoria mais extrema de apoio a Bolsonaro, aquela que rejeita Lula. O inverso não acontece com os evangélicos lulistas. Isso nos permite concluir, em consonância com a literatura mais recente sobre a política brasileira, que o uso do termo polarização radical – tal como entendido classicamente – não é adequado. Há um polo denso ideologicamente e extremado de forma consistente em favor de Bolsonaro e contra Lula, que é dos eleitores com rendas acima da média, independentemente da religião. Do outro lado do contínuo de identificação política não se percebe a mesma consistência extremada. Há católicos e neopentecostais de baixa renda que votam em Lula e rejeitam Bolsonaro, porém, o último grupo também integra o bolsonarismo. Na eleição presidencial de 2022 o extremismo se deu em um dos polos, o que rejeita Lula e vota em Bolsonaro.

É preciso ressaltar que nossa decisão na categorização teve efeito sobre os resultados. Com efeitos secundários, ao reunirmos a categoria "outras religiões", desconsideramos o comportamento específico de religiões que apresentaram comportamentos opostos quanto à identificação com os dois principais candidatos em 2022. Enquanto judaísmo e espiritismo apresentaram maior identificação com Bolsonaro, as religiões de matrizes afro eram mais lulistas. Ao reunirmos em uma única categoria, os valores se anularam e isso fez com que os resultados das distribuições percentuais e dos resíduos padronizados perdessem significância estatística. Justificamos a decisão pelo fato de essas religiões representarem cerca de 10% do total de respondentes da pesquisa e por terem seus efeitos conjuntos "equilibrados" para a intensidade de identificação com os candidatos. Um estudo específico sobre o impacto da variável econômica sobre a distribuição de preferências de religiões minoritárias no Brasil também se faz necessário.

SOBRE OS AUTORES

Emerson Urizzi Cervi. Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), em 2006, com estágio pós-doutoral em partidos e eleições na América Latina na Universidad de Salamanca, entre 2015 e 2016. Professor titular do departamento de Ciência Política (DECP) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPR. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP). Pesquisador associado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.dd).

Naiara Sandi de Almeida Alcantara. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora na Faculdade de Ciências Sociais (FACS) e no Programa de Ciência Política (PPGCP) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, [*s. l.*], n. 50, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/18094449201700500001. Acesso em: 16 jun. 2025.
2. ALVES, Synthia Pereira. Mídia, democracia e a presença dos neopentecostais na política brasileira. *In:* ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA (ABCP), 10., 2016, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, MG: ABCP, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/32593478/M%C3%ADdia_democracia_e_a_presen%C3%A7a_dos_neopentecostais_na_pol%C3%ADtica_brasileira. Acesso em: 16 jun. 2025.
3. BASTIAN, Jean-Pierre. Brésil: pentecôtismes et protestantismes, des perspectives. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, [*s. l.*], v. 42, n. 98, p. 3352, 1997.
4. BETZ, H. G. Politics of resentment: right-wing radicalism in west Germany. **Comparative Politics**, [*s. l.*], v. 23, n. 1, p. 4560, 1990.
5. BITTENCOURT FILHO, José. Caminhos da Teologia Pentecostal: trajetória da renovação carismática católica e neopentecostalismo. **Horizonte**, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 5769, 2003.
6. BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, [*s. l.*], v. 10, n. 2, p. 288338, 2004.
7. CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, [*s. l.*], v. 67, p. 100115, 2005. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13458. Acesso em: 17 ago. 2025.
8. COSTA, Moab César Carvalho. Religião e política: o pentecostalismo, o sínodo para a Amazônia e a política ambiental no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, PR, ano 13, n. 37, p. 97111, maio/ago. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i37.51907. Acesso em: 16 jun. 2025.
9. DATAFOLHA. **Pesquisa de opinião sobre intenção de voto**. São Paulo: Instituto Datafolha, 2022. Disponível em: https://datafolha.folha.uol.com.br/. Acesso em: 1 fev. 2024.
10. FERREIRA, Diego Cristian. ***A crise estrutural brasileira***: os blocos no poder e as frações de classe na política brasileira de 20132018. 2018. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Dourados, MS, 2018.
11. FIORINA, Morris. Retrospective voting in American national elections: a micro-analysis. **American Journal of Political Science**, [*s. l.*], v. 22, n. 2, p. 426443, 1978.
12. GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. "Os humilhados serão exaltados": ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrópole**, [*s. l.*], v. 23, p. 547580, 2021.
13. GUJARAT, D. **Econometria básica**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
14. HAWKINS, Kirk A.; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Introduction. *In:* HAWKINS, Kirk A.; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (eds.). **The ideational approach to populism**: concept, theory, and analysis. Londres: Routledge, 2018.

15. LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. Londres: Verso, 2005.

16. LIMA, Albany Ferreira; SILVA JÚNIOR, José Alexandre da; PARANHOS, Ranulfo; FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; NASCIMENTO, Willber. Entre o trampolim e a ascensão: a reeleição parlamentar no Brasil (19902014). **Teoria & Pesquisa**, [*s. l.*], v. 28, n. 1, p. 6190, 2019. Disponível em: https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/704. Acesso em: 16 jun. 2025.

17. LIPSET, Seymour Martin. **O homem político**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

18. OLIVEIRA, Erick Cruz Padilha de; OLIVEIRA, David. Fundamentalismo religioso: uma chave para entender o programa "Escola sem Partido". **Plural**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 259278, jan./jun. 2021. Disponível em: https://revistas.usp.br/plural/article/view/179875. Acesso em: 16 jun. 2025.

19. PEREIRA, Maurício Tavares. 500 anos de Reforma Protestante, meio século de Teologia da Libertação: religião e interculturalidades cristãs e libertárias no pensamento de Leonardo Boff. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [*s. l.*], 2022. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/2084. Acesso em: 17 ago. 2025.

20. RENNÓ, Lucio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, [*s. l.*], v. 36, p. 147163, 2022.

21. RODRIGUES, Daniele Silva; FARONI, Walmer; SANTOS, Nálbia de Araújo; FERREIRA, Marco Aurélio Marques; DINIZ, Josedilton Alves. Corrupção e má gestão nos gastos com educação: fatores socioeconômicos e políticos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 301320, mar./abr. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rap/a/w6yxg7qHSsTcHWJGpX8Qbbf/?format=html&lang=pt. Acesso em: 16 jun. 2025.

22. RODRIGUES-SILVEIRA, Rodrigo; CERVI, Emerson Urizzi. Evangélicos e voto legislativo: diversidade confessional e voto em deputados da bancada evangélica no Brasil. **Latin American Research Review**, [*s. l.*], v. 54, n. 3, p. 560573, 2019. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/evangelicos-e-voto-legislativo-diversidade-confessional-e-voto-em-deputados-da-bancada-evangelica-no-brasil/78197F4E66D57F7BC3A98C273F4DD661. Acesso em: 17 ago. 2025.

23. ROSAS, Nina. Notas sobre evangélicos, política e gênero a partir das eleições de 2022. **Debates do NER**, [*s. l.*], p. 6582, 2023.

24. ROSAS, Nina. Notas sobre evangélicos, política e gênero a partir das eleições de 2022. **Debates do NER**, [*s. l.*], p. 6582, 2023. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/130797. Acesso em: 17 ago. 2025.

25. ROSENBERG, Morris. **A lógica da análise do levantamento de dados**. São Paulo: Cultrix/USP, 1971.

26. SANTANA, Davi Pinheiro de. ***O uso das mídias sociais nas eleições e seus efeitos no contexto dos eleitores***. 2021. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Administração, São Cristóvão, SE, 2021.

27. SANTOS, Renan William dos; PRANDI, Reginaldo; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. ***Revista USP***, São Paulo, n. 120, p. 4360, jan./mar. 2019.

28. SILVA, Georges Gérard Flexor; RODRIGUES, Adrianno Oliveira; SILVA, Robson Dias da. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 53, p. 138171, jan./abr. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/VzTXH8svfWGswLTdcbPTWFK/?format=html&lang=pt. Acesso em: 17 ago. 2025.

29. SMITH, Amy Erica; DUQUE, Debora. The establishment upside down: a year of change in Brazil. **Revista de Ciência Política**, [*s. l.*], v. 39, n. 2, p. 165189, 2019.

30. SOUSA, João Luiz de. O fenômeno religioso e suas implicações políticas no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos da Religião**, [*s. l.*], v. 2, p. 4361, 2018.

31. TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Lívia. Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano. **Debates do NER**, [*s. l.*], ano 22, n. 42, 2023.

32. TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1977.

33. VALLE, Vinicius Saragiotto Magalhães. Direita religiosa e partidos políticos no Brasil: os casos do PRB e do PSC. **Teoria e Cultura**, [*s. l.*], v. 13, n. 2, 2018.

ANEXO

COEFICIENTES REGRESSÃO LOGÍSTICA

indic	categ	expb
1.VotaLula_RejeitaBolso	Protestante	0,560
1.VotaLula_RejeitaBolso	Pentecostal	0,491
1.VotaLula_RejeitaBolso	Neopentecostal	0,565
1.VotaLula_RejeitaBolso	Católico	1,313
1.VotaLula_RejeitaBolso	Rnd1	1,745
1.VotaLula_RejeitaBolso	Rnd2	1,457
1.VotaLula_RejeitaBolso	Rnd3	1,074
1.VotaLula_RejeitaBolso	Rnd4	0,949
1.VotaLula_RejeitaBolso	Rnd5	0,795
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Protestante	0,528
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Pentecostal	0,589
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Neopentecostal	0,732
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Católico	0,962
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Rnd1	1,479
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Rnd2	1,060
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Rnd3	1,090
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Rnd4	0,918
2.VotaLula_NãorejeitaBolso	Rnd5	0,962
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Protestante	1,629
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Pentecostal	1,905
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Neopentecostal	1,482
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Católico	0,801
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Rnd1	0,886
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Rnd2	1,319
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Rnd3	1,393
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Rnd4	1,504
3.VotaBolso_NaoRejeitaLula	Rnd5	1,492
4.VotaBolso_RejetaLlula	Protestante	2,033

4.VotaBolso_RejetaLlula	Pentecostal	2,078
4.VotaBolso_RejetaLlula	Neopentecostal	2,096
4.VotaBolso_RejetaLlula	Católico	0,891
4.VotaBolso_RejetaLlula	Rnd1	0,474
4.VotaBolso_RejetaLlula	Rnd2	0,730
4.VotaBolso_RejetaLlula	Rnd3	1,079
4.VotaBolso_RejetaLlula	Rnd4	1,351
4.VotaBolso_RejetaLlula	Rnd5	1,579

COEFICIENTES DOS FATORES COM INTERAÇÃO

indic	categ	expb		indic	categ	expb
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Neopent_Rnd1	0,493		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Protest_Rnd1	0,813
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Neopent_Rnd2	1,229		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Protest_Rnd2	0,445
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Neopent_Rnd3	0,337		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Protest_Rnd3	0,548
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Neopent_Rnd4	0,531		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Protest_Rnd4	0,360
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Neopent_Rnd5	0,144		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Protest_Rnd5	0,351
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Neopent_Rnd1	1,399		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Protest_Rnd1	0,671
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Neopent_Rnd2	0,383		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Protest_Rnd2	0,397
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Neopent_Rnd3	1,257		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Protest_Rnd3	0,560
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Neopent_Rnd4	0,585		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Protest_Rnd4	0,575
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Neopent_Rnd5	0,188		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Protest_Rnd5	0,640
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Neopent_Rnd1	1,188		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Protest_Rnd1	1,089
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Neopent_Rnd2	1,458		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Protest_Rnd2	2,835
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Neopent_Rnd3	2,086		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Protest_Rnd3	1,637
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Neopent_Rnd4	1,581		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Protest_Rnd4	1,799
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Neopent_Rnd5	1,024		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Protest_Rnd5	1,262

indic	categ	expb		indic	categ	expb
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Neopent_Rnd1	1,335		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Protest_Rnd1	1,578
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Neopent_Rnd2	1,341		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Protest_Rnd2	1,490
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Neopent_Rnd3	1,028		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Protest_Rnd3	2,017
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Neopent_Rnd4	2,548		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Protest_Rnd4	2,286
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Neopent_Rnd5	7,060		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Protest_Rnd5	3,355

indic	categ	expb		indic	categ	expb
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Pentec_Rnd1	0,671		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Catolic_Rnd1	2,607
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Pentec_Rnd2	0,457		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Catolic_Rnd2	2,104
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Pentec_Rnd3	0,324		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Catolic_Rnd3	1,420
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Pentec_Rnd4	0,327		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Catolic_Rnd4	1,252
1.VotaLula_ RejeitaBolso	Pentec_Rnd5	0,304		1.VotaLula_ RejeitaBolso	Catolic_Rnd5	0,894
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Pentec_Rnd1	0,998		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Catolic_Rnd1	1,533
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Pentec_Rnd2	0,576		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Catolic_Rnd2	1,165
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Pentec_Rnd3	0,644		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Catolic_Rnd3	1,185
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Pentec_Rnd4	0,365		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Catolic_Rnd4	0,930
2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Pentec_Rnd5	0,326		2.VotaLula_ NãorejeitaBolso	Catolic_Rnd5	0,950
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Pentec_Rnd1	1,548		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Catolic_Rnd1	0,369
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Pentec_Rnd2	2,180		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Catolic_Rnd2	0,615
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Pentec_Rnd3	2,051		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Catolic_Rnd3	0,720
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Pentec_Rnd4	2,612		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Catolic_Rnd4	0,761
3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Pentec_Rnd5	2,273		3.VotaBolso_ NaoRejeitaLula	Catolic_Rnd5	0,952
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Pentec_Rnd1	1,040		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Catolic_Rnd1	0,250

indic	categ	expb		indic	categ	expb
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Pentec_Rnd2	1,785		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Catolic_Rnd2	0,437
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Pentec_Rnd3	2,562		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Catolic_Rnd3	0,733
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Pentec_Rnd4	2,685		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Catolic_Rnd4	1,062
4.VotaBolso_ RejetaLlula	Pentec_Rnd5	3,417		4.VotaBolso_ RejetaLlula	Catolic_Rnd5	1,380

Submissão em 09 de julho de 2024.

Aceito em 19 de outubro de 2024.